

A DICOTOMIA FALA E ESCRITA

TAINÁ BIANCHIN ALVES (tainabianchin@hotmail.com) / Letras Português/UNIFRA, Santa Maria - RS

ORIENTADOR: Célia Helena de Pelegrini Della Méa (celiahp@terra.com.br) / Letras Português/UNIFRA, Santa Maria - RS

Palavras-Chave:

FALA, ESCRITA, LÍNGUA

Este trabalho está vinculado, de forma direta, ao Trabalho Final de Graduação I, (TFG I), do Curso de Letras e Literaturas da Língua Portuguesa do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. A metodologia constituiu-se de fontes bibliográficas, como livros e artigos acadêmicos.

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas, desde tempos distantes até a atual realidade, conforma-se, quase que única e exclusivamente, em um método bastante tradicional, a saber, o ensino de regras gramaticais. E é muito comum, quando se estuda a linguagem, ter-se como ponto de referência a língua escrita e estabelecer ainda, que apenas fala bem aquele que bem escreve, porém a relação entre oralidade e escrita vai muito além da concepção internalizada das pessoas, de que a escrita tão somente representa a fala e os estudos fonéticos e fonológicos vêm para esclarecer esse falso preceito.

A fala é a verbalização da língua, de forma singular, compete ao indivíduo escolher os meios linguísticos que o apetece empregar para divulgar sua fala. Sua necessidade, a ocasião em que se encontra, a cultura que é adepto e a sociedade devem ser levados em consideração, pois são fatores influenciáveis no modo como se fala. A escrita é o diálogo anunciado por meio das palavras, fazendo uso da forma correta das palavras, obedecendo às regras gramaticais e, assim, facilitando a comunicação social.

Falar é uma competência adquirida antes de escrever. Logo, as regras gramaticais e textuais (e, é claro, fonológicas) da fala são contraídas primariamente e compõem a base da noção de qualquer ser humano do caráter da linguagem. A dicção oral é adquirida pela criança à medida que é imergida em situações acessíveis de comunicação, nas quais a linguagem é sempre significativa para ela. Isso não quer dizer que a fala seja superior à escrita ou vice-versa e nem explana a persuasão de que a escrita é decorrida da fala, e essa é primária. A escrita não deve ser analisada uma reprodução da fala, pois que esta não consegue repetir muito dos feitos da oralidade, tais como: a prosódia, a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos, entre outros. A oralidade tem uma “primazia cronológica” (MARCUSCHI, 2001, p. 17), porém não a torna mais importante que a escrita.

Marcuschi dá um bom exemplo quanto à variedade da escrita e da fala.

[...] comparando uma carta pessoal em estilo descontraído com uma narrativa oral espontânea, haverá menos diferenças do que entre a narrativa oral e um texto acadêmico escrito. Por outro lado, uma conferência universitária preparada com cuidado terá maior semelhança com textos escritos do que com uma

conversação espontânea (MARCUSCHI, 2001, p. 42).

A fala é um ato recíproco, mútuo, de interação direta entre falante e ouvinte, pois quem fala pode processar o que diz e redirecionar seu discurso a partir das reações de quem ouve. A escrita, por outro lado, é gerada somente pelo autor não sendo permitido essa interação direta. O que há na escrita é o autor pensar nas possíveis reações do leitor e a partir delas escrever seu texto.

Portanto, tanto a fala como a escrita exibem transformações. Por isso, nos dois casos traz-se a contextualização como necessidade para a produção e a recepção, ou seja, para o funcionamento pleno da língua (MARCUSCHI, 2001, p. 43).

Falar e escrever são maneiras distintas de pronunciar e propagar significados estabelecidos na língua e pela língua, dentro de uma circunstância de interação social. Nessa concepção, Halliday (1989) sugere que falar e escrever, enquanto formas díspares de articular e atitudes diversas de se expressar em significados linguísticos, exibem uma interconexão: a relação entre fala e escrita amparada por três aberturas. Um delas é que a escrita não congrega todos os imagináveis significados da fala, uma vez que deixa de lado as variações linguísticas, a gesticulação e prosódicas e a fala não oferece os limites da sentença e do parágrafo. A outra se constitui em que não há obrigação de ambas as linguagem desempenhando o mesmo papel, pois uma ficaria sendo a duplicação da outra. Por último, fala e escrita expõem diferentes contribuições para a experiência: a escrita institui o mundo das coisas/itens e a fala, o das ocorrências.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação.; Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa; Rio de Janeiro; DP&A; 2000.

HALLIDAY, M. A. K.; Língua falada e escrita. ; Oxford University Press; Editor de série: Francês Christie. ; 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; Da fala para a escrita: atividades de retextualização.; São Paulo; Cortez; 2001.